

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT11.024

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE PRÁTICAS ANTI RACISTAS NAS ESCOLAS

Francisca Bruna Pereira Farias¹
Maria Gildevania Paiva de Oliveira²
Vanessa Cunha Santiago³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar ações e práticas antirracistas desenvolvidas pelo serviço de psicologia escolar em uma instituição de ensino fundamental situada na região norte do estado do Ceará. A proposta surgiu a partir das discussões provocadas nas aulas de Ciências Humanas e foi ampliada de forma interdisciplinar, envolvendo professores de diversas áreas do conhecimento. Partindo do reconhecimento do racismo estrutural como uma problemática histórica e persistente no ambiente escolar, o projeto foi desenvolvido com a finalidade de promover estratégias educativas que estimulassem a reflexão crítica, o acesso à informação e a transformação de atitudes e comportamentos discriminatórios. Ao longo do projeto, foram realizadas palestras, rodas de conversa, apresentações artísticas e culturais, feiras temáticas e seminários, abordando temas como intolerância religiosa,

- 1 Mestre em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará- UFC, Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Educação da Ibiapaba- FAEDI, brunafariaspsicologa@gmail.com
- 2 Pós-graduada em Psicopedagogia institucional, Clínica e Hospitalar, Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Ibiapaba- FAEDI, gil.rafael20@hotmail.com
- 3 Mestre em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará- UFC, vanessacunhasantiago@gmail.com

valorização da estética e da beleza negra, ancestralidade africana, e movimentos culturais afro-brasileiros, com destaque para o hip hop enquanto forma de resistência e expressão identitária. As ações buscaram promover a valorização da cultura negra no contexto escolar e incentivar o protagonismo dos alunos, que participaram ativamente do planejamento e da execução das atividades. Como resultado, observou-se o fortalecimento de competências socioemocionais, como empatia, respeito à diversidade, iniciativa social e senso de justiça, reafirmando o papel da escola e da psicologia escolar na construção de uma educação comprometida com a equidade racial.

Palavras-chave: Educação Étnico-Racial, Psicologia Escolar, Práticas antirracistas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar possibilidades de ações pedagógicas voltadas à valorização da cultura negra e ao enfrentamento do racismo no ambiente escolar, a partir de uma experiência desenvolvida pelo serviço de psicologia escolar em uma escola pública do ensino fundamental na região norte do Ceará. A escola, como espaço social e formativo, é também um território onde se manifestam diversas formas de desigualdades, inclusive o racismo, que atravessa historicamente a realidade brasileira. A permanência do racismo nas instituições educacionais exige, portanto, a construção de práticas antirracistas efetivas e integradas ao currículo escolar.

O racismo no Brasil é estrutural e fundacional, pois está enraizado na história do país desde o período escravocrata, sendo reproduzido por meio de desigualdades econômicas, sociais e simbólicas. Conforme aponta Silvio Almeida (2019), o racismo estrutura as relações sociais, operando de forma institucional e naturalizada nos mais diversos campos, inclusive na educação. No ambiente escolar, ele se manifesta não apenas por meio de agressões diretas, mas também de formas veladas, como o apagamento de referências negras nos materiais didáticos, a negligência com a estética afrocentrada e a baixa representatividade de docentes e gestores negros.

Segundo Silva et al. (2016), as práticas racistas no contexto escolar ocorrem, muitas vezes, por meio de microagressões, estigmas, piadas e falas carregadas de estereótipos, impactando diretamente a trajetória educacional de estudantes negros e negras. Esses comportamentos resultam em baixo rendimento escolar, evasão, sentimentos de exclusão e desmotivação. Dados do IBGE (2022) e de estudos como os de Oliveira (2021) apontam que estudantes pretos e pardos seguem enfrentando barreiras significativas para a permanência e o sucesso na educação básica.

A ideologia do branqueamento e a valorização de padrões eurocêntricos continuam sendo reproduzidas no cotidiano das escolas, tanto nas interações sociais quanto nos conteúdos pedagógicos. Diante desse

cenário, políticas públicas como a Lei n. 10.639/2003 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) representam avanços legais importantes ao estabelecerem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. No entanto, sua efetivação depende diretamente do comprometimento das instituições e dos profissionais da educação em construir práticas pedagógicas coerentes com esses marcos legais.

Assim, entende-se que é fundamental que as escolas criem espaços de diálogo, formação e ação que promovam a equidade racial. Este trabalho apresentará um conjunto de ações interdisciplinares realizadas no ambiente escolar, como palestras, rodas de conversa, apresentações culturais, seminários e feiras temáticas, que abordaram questões como intolerância religiosa, estética negra, movimentos culturais como o hip hop, entre outros. Tais práticas visaram não apenas combater o racismo, mas também fomentar o protagonismo estudantil e a valorização da identidade negra no cotidiano escolar.

Apesar dos avanços legais e das crescentes discussões sobre a temática racial na sociedade brasileira, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades para desenvolver ações efetivamente antirracistas. A ausência de formação continuada dos profissionais da educação, a falta de recursos didáticos adequados, e a resistência de parte da comunidade escolar diante das questões raciais dificultam a implementação de práticas pedagógicas transformadoras. Além disso, o racismo, por estar naturalizado nas estruturas sociais, muitas vezes é negligenciado ou tratado como um tema secundário no planejamento escolar. Nesse contexto, este artigo se torna relevante ao apresentar uma experiência prática e bem-sucedida de promoção da equidade racial na escola, oferecendo subsídios para que outras instituições possam se inspirar e construir estratégias semelhantes.

A psicologia escolar, enquanto área comprometida com a promoção do desenvolvimento integral dos sujeitos no contexto educacional, possui um papel fundamental na implementação de ações voltadas à educação étnico-racial. Ao atuar de maneira interdisciplinar, o psicólogo escolar pode contribuir para a desconstrução de estereótipos, o fortalecimento

da autoestima de estudantes negros, e a mediação de conflitos raciais. Além disso, é responsabilidade desse profissional fomentar espaços de escuta, diálogo e reflexão crítica entre educadores, alunos e famílias, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas (YAZBEK & OLIVEIRA, 2020).

Dessa forma, o presente trabalho busca também evidenciar a importância do engajamento dos profissionais da psicologia na construção de uma escola antirracista. Acredita-se que, ao articular saberes da psicologia com os objetivos pedagógicos das instituições escolares, seja possível avançar na superação das desigualdades raciais e na valorização das identidades negras no ambiente educacional. A atuação comprometida e crítica da psicologia escolar, portanto, constitui-se como uma aliada essencial na efetivação de uma educação mais justa, plural e democrática.

METODOLOGIA

Este estudo possui abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, que visa descrever e analisar a implementação de práticas pedagógicas e psicológicas voltadas à valorização da cultura negra e ao enfrentamento do racismo no contexto escolar. Segundo Gatti (2006), o relato de experiência é uma forma de pesquisa qualitativa que permite a descrição de processos vividos e de intervenções realizadas, contribuindo para o compartilhamento de saberes práticos e a reflexão sobre os métodos utilizados em determinado contexto. A partir disso, o estudo busca não apenas relatar o processo, mas também refletir criticamente sobre os impactos das ações no ambiente educacional.

O projeto foi desenvolvido ao longo dos anos de 2023 e 2024, em uma escola pública de ensino fundamental localizada na região norte do estado do Ceará. A proposta surgiu como uma ação pedagógica interdisciplinar em alusão ao Dia da Consciência Negra, e se tornou um projeto contínuo e articulado ao Projeto Político Pedagógico da Escola, dada a

importância de fomentar discussões sobre a cultura negra e a promoção de práticas antirracistas dentro do espaço escolar, de forma cotidiana. A escola atende predominantemente alunos negros e negras, muitos dos quais pertencem a contextos de vulnerabilidade social, o que reforça a necessidade de ações que promovam a identidade e o pertencimento, bem como combatam as desigualdades raciais presentes no ambiente educacional.

O público-alvo do projeto foram os alunos do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, professores, funcionários da escola e as famílias da comunidade escolar. O projeto foi desenvolvido de maneira colaborativa, envolvendo o serviço de psicologia escolar, a coordenação pedagógica e os docentes das diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de promover uma abordagem interdisciplinar e participativa nas atividades.

As ações implementadas incluíram rodas de conversa, seminários, e apresentações artísticas e culturais, com ênfase em música, dança e exposições. As apresentações artísticas ocorreram por meio de um projeto musical, conduzido pelos professores de artes da instituição, que abordou a realidade da população negra, enfatizando temas como a desigualdade social, a resistência e a valorização da ancestralidade. Além disso, as rodas de conversa e seminários foram organizados pelas turmas, que, após pesquisas, apresentaram temas relacionados à cultura negra para toda a comunidade escolar. Outra ação relevante foi a realização de “Dias de valorização da beleza negra” nos intervalos e horários de almoço, promovendo atividades como penteados afros, cuidados com a pele e maquiagem, com o objetivo de fortalecer a autoestima dos estudantes e valorizar as identidades negras. Os alunos, com orientação dos professores, construíram uma exposição de fotos que retratavam a história e a cultura afro-brasileira. Também foram realizadas palestras com convidados especializados, que conduziram as discussões sobre temas relacionados à cultura negra, resistência e combate ao racismo. Essas palestras tiveram como objetivo proporcionar aos alunos e à comunidade escolar uma visão mais aprofundada sobre a realidade da população negra e suas contribui-

ções para a sociedade, além de promover um espaço de reflexão crítica e troca de experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das experiências construídas ao longo do desenvolvimento do projeto aqui, dividiu-se e os resultados e discussão deste trabalho em três categorias analíticas: “A arte como forma de promover a educação Etnico-Racial no espaço escolar”; “A Participação da Comunidade Escolar na Produção de uma Escola Antirracista” e “A Psicologia Escolar como Mobilizadora de uma Educação Antirracista”. Tais categorias descrevem o impacto dessa experiência no ambiente escolar e na comunidade acadêmica, sendo estas apresentadas a seguir.

A ARTE COMO FORMA DE PROMOVER A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO ESPAÇO ESCOLAR

No âmbito do projeto de valorização da cultura negra e de combate ao racismo, a arte foi utilizada como uma poderosa ferramenta pedagógica para promover a reflexão e o debate sobre as violências raciais sofridas pela população negra no Brasil. No ambiente escolar, os alunos participaram ativamente da produção do musical que retratou a realidade difícil enfrentada pelos negros, especialmente no que diz respeito ao racismo estrutural e à marginalização histórica dessa população. O musical intitulado “Navegando por estes mares: Uma história de luta, dores e sofrimento” foi composta pelos próprios estudantes e contou a trajetória de resistência e superação dos negros, desde o período colonial até os dias atuais. Através de letras impactantes e melodias que mesclaram elementos da cultura afro-brasileira, a música se tornou um meio de expressão das dores e das lutas que atravessam a história da população negra, ao mesmo tempo em que proporciona um espaço para que os alunos possam dar voz à sua vivência e à sua identidade.

Além disso, foi realizada uma instalação artística intitulada “Retratos dos Negros no País”, que visou retratar as diversas faces da negritude no Brasil. A instalação contou com a exibição de fotos e imagens que mostravam tanto a resistência quanto às inúmeras contribuições da população negra nas mais diversas áreas da sociedade. Os retratos destacaram a importância da cultura negra e sua presença na construção da identidade nacional, além de refletir sobre os desafios cotidianos impostos pela discriminação racial.

Como parte das ações culturais, os alunos também se envolveram em apresentações de danças tradicionais e contemporâneas, como maracatu, samba e break dance, promovendo uma verdadeira celebração da cultura negra. O maracatu, uma dança originária de Pernambuco que carrega uma forte carga de simbolismo e resistência afro-brasileira, foi apresentado com vigor pelos estudantes, assim como o samba, que é uma das expressões mais marcantes da cultura negra no Brasil. O break dance, popularizado pela cultura do hip-hop, foi utilizado como uma forma de expressão da juventude negra e de resistência à marginalização. Essas apresentações artísticas, além de promoverem o aprendizado da cultura negra, também permitiram aos alunos vivenciar e expressar sua identidade de forma autêntica, estimulando o respeito à diversidade e a valorização das raízes africanas.

Essas atividades, realizadas de forma colaborativa e com o envolvimento direto dos alunos, tiveram como objetivo não apenas divulgar a cultura negra, mas também gerar um impacto emocional e cognitivo nos participantes, levando-os a refletir sobre as questões raciais no Brasil e a importância da valorização das identidades negras no contexto escolar.

No contexto do projeto, foi organizada uma exposição de desenhos produzidos pelos alunos, que retratavam diversos elementos da cultura negra. Cada estudante foi convidado a ilustrar aspectos significativos da herança afro-brasileira, como figuras históricas, mitos, símbolos e manifestações culturais. A atividade incentivou a criatividade e a reflexão sobre a importância desses elementos na construção da identidade nacional

e na luta contra o apagamento da cultura negra. A exposição foi uma forma de valorizar as contribuições da população negra para a sociedade brasileira, permitindo que os alunos se expressassem visualmente sobre temas como resistência, ancestralidade e pertencimento. Além disso, a atividade fortaleceu o sentimento de orgulho e empoderamento entre os estudantes, ao verem suas produções artísticas expostas e apreciadas por toda a comunidade escolar.

Uma outra ação marcante foi a realização de uma oficina de grafite, onde os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre a técnica artística e sua relação com a cultura de resistência dos jovens negros. O grafite, como forma de arte urbana, tem sido historicamente utilizado para expressar as lutas sociais e questões identitárias. Durante a oficina, os estudantes foram orientados por artistas locais, que os ensinaram não apenas as técnicas de pintura mural, mas também os conceitos relacionados ao grafite como uma forma de protesto e expressão cultural. O resultado foi uma obra coletiva que adornou uma das paredes da escola, com um painel representando a união e o fortalecimento da identidade negra. Essa atividade proporcionou aos alunos a oportunidade de se envolver em um processo artístico colaborativo, ao mesmo tempo em que refletiam sobre a importância da arte como um instrumento de transformação social.

Ambas as iniciativas artísticas, a exposição de desenhos e a oficina de grafite, foram pensadas como formas de aproximação dos alunos com a cultura negra, por meio de expressões artísticas populares e acessíveis. Essas atividades não apenas serviram para enriquecer o conteúdo educacional sobre a história e as manifestações culturais negras, mas também foram espaços de desenvolvimento pessoal, em que os alunos puderam se reconhecer e se expressar. Além disso, essas ações reforçaram a ideia de que a arte pode ser um poderoso instrumento de educação antirracista, permitindo que as futuras gerações se conectem com suas raízes e compreendam a importância de uma sociedade mais igualitária e respeitosa.

A arte, especialmente o movimento hip-hop, tem se mostrado um dos meios mais poderosos para a valorização da cultura negra e para o enfrenta-

mento do racismo estrutural. Segundo Lúcia Ghetti (2017), o hip-hop, como forma de expressão cultural, se consolidou nas periferias urbanas brasileiras e ao redor do mundo como um importante espaço de resistência e afirmação da identidade negra, principalmente entre os jovens. O hip-hop, por meio de suas quatro manifestações, rap, breakdance, graffiti e DJing, proporciona uma plataforma onde as experiências de racismo, desigualdade social e violência são discutidas de maneira visceral, ao mesmo tempo em que reforça a visibilidade da cultura negra nas ruas, escolas e mídias.

Para Sérgio Lessa (2019), o movimento hip-hop no Brasil se configura não apenas como uma forma artística, mas como uma estratégia de construção de subjetividades e de afirmação da identidade negra frente às adversidades sociais e raciais. O hip-hop, ao articular protestos culturais e políticas identitárias, desafia as normas estabelecidas pela sociedade dominante, ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento do pertencimento e da autoestima de jovens negros. O estudo de Rosana Heringer (2021) também reforça a ideia de que o hip-hop é uma ferramenta de empoderamento e de mobilização social, sendo essencial na construção de uma educação antirracista e na promoção de uma cultura de igualdade e respeito à diversidade.

A arte desempenha um papel fundamental na educação étnico-racial, pois permite a expressão e a reflexão sobre questões raciais de uma maneira acessível e profunda. Ela cria um espaço de diálogo e conscientização, promovendo a valorização da cultura negra e proporcionando aos alunos um meio de ressignificar as narrativas históricas de opressão e resistência. Através da arte, estudantes podem experimentar de forma sensível a importância da identidade, da ancestralidade e da resistência cultural, desenvolvendo uma consciência crítica sobre as desigualdades raciais que persistem na sociedade. Segundo Vygotsky (1998), a arte é uma forma de linguagem que facilita a interação social e pode ser uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, ajudando-os a processar suas experiências de maneira criativa e expressiva.

No campo da psicologia escolar, a arte é uma ferramenta fundamental para promover um ambiente educacional mais inclusivo e antirracista. Como apontam Almeida e Lima (2023), a arte no contexto escolar pode ser uma poderosa ferramenta para promover a identidade e autoestima de estudantes negros, ao mesmo tempo em que serve como meio de conscientização sobre o racismo para estudantes de diferentes etnias. Através de práticas artísticas, psicólogos escolares podem criar espaços seguros, onde as crianças e adolescentes têm a oportunidade de explorar sua identidade e suas experiências, contribuindo para o fortalecimento emocional e mental dos alunos, especialmente em um ambiente marcado por desigualdades sociais e raciais.

A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR NA PRODUÇÃO DE UMA ESCOLA ANTIRRACISTA

A construção de uma escola antirracista é um processo que demanda o engajamento contínuo de todos os membros da comunidade escolar, criando um espaço de reflexão e aprendizado sobre questões raciais. Segundo Lima e Costa (2019), a participação ativa dos estudantes, professores, gestores e pais nas práticas antirracistas é essencial para a efetivação de uma educação inclusiva e transformadora.

Na escola de Ensino Fundamental II, onde foram realizadas ações voltadas para o combate ao racismo e a valorização da cultura africana, percebeu-se que os alunos estavam dispostos a debater esses temas com profundidade e interesse. Isso indicou que, quando bem estruturadas, as atividades podem despertar nos alunos uma consciência crítica sobre o racismo e a importância da identidade cultural. Para isso, é de fundamental importância que qualquer proposta pensada para ser desenvolvida no contexto escolar, tem que levar em consideração os interesses e as próprias vivências dos estudantes, pois assim, o protagonismo estará presente, as ações tendem a serem mais exitosas.

Os alunos demonstraram grande envolvimento durante as atividades, participando ativamente de debates, rodas de conversa e apresentações artísticas. A metodologia utilizada, que contemplava práticas culturais, como dança, música e literatura afro-brasileira, permitiu que os alunos se conectassem de maneira sensível com os temas tratados. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato de conscientização que busca a transformação social, e esse foi um dos objetivos alcançados: fazer com que os estudantes, ao vivenciarem essas atividades, pudessem refletir sobre o racismo estrutural e a importância da valorização da cultura africana e afro-brasileira no cotidiano escolar. As atividades também possibilitaram a expressão das próprias identidades culturais dos alunos, ampliando as discussões sobre diversidade e respeito.

Entretanto, o sucesso dessas ações não se deu apenas pela participação dos alunos. Para que as ações antirracistas tivessem impacto, foi necessário o engajamento efetivo dos professores. De acordo com Galvão e Gomes (2021), o papel do educador é fundamental na construção de uma escola antirracista, pois ele pode, através de sua prática pedagógica, promover um ambiente que desconstrua preconceitos e fomente a reflexão sobre a igualdade racial. Os professores da escola participaram ativamente na mediação das discussões, integrando os temas de combate ao racismo nas disciplinas de forma transversal, o que contribuiu para a criação de um ambiente mais inclusivo, acolhedor e respeitoso.

Apesar dessa participação ativa, mobilizar esses profissionais e alertar para a importância de práticas racistas, acaba não sendo uma tarefa simples. Muitas vezes, pela correria dos processos didáticos, as sobrecargas de trabalho e o anseio por dar conta dos conteúdos cognitivos, os docentes se mostram desestimulados em se abrir para ações como essa. Nesse sentido, a psicologia escolar se mostra como o campo importante no processo de mobilização e articulação com esses atores, reforçando a necessidade de abordar essas temáticas de forma integrada e transversal.

Além dos professores, a participação da gestão escolar foi essencial para a realização das ações. Segundo Silva e Almeida (2020), a liderança

escolar tem um papel chave em implementar políticas que garantam a valorização da diversidade e o combate à discriminação racial. A gestão da escola foi responsável por coordenar as atividades, assegurar recursos e promover a adesão de toda a equipe pedagógica e administrativa ao projeto antirracista. Sem o apoio da direção, as ações poderiam perder a força e o alcance necessários para gerar transformações significativas dentro da escola.

Para a efetivação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar é necessário o comprometimento direto do núcleo gestor da escola, que tem a responsabilidade de assegurar que as diretrizes da lei sejam implementadas de forma contínua e coerente com a realidade dos alunos. Segundo Gomes (2005), a gestão escolar deve atuar não apenas como coordenadora de ações administrativas, mas como promotora de práticas pedagógicas voltadas à equidade racial e ao reconhecimento da diversidade cultural. Dessa forma, o núcleo gestor precisa garantir formação para os professores, apoio aos projetos antirracistas e articulação com a comunidade escolar, assumindo uma postura ativa na construção de uma escola comprometida com os direitos humanos, o respeito às diferenças e a valorização das identidades negras.

A participação dos pais também foi decisiva para o sucesso das ações de combate ao racismo. Como apontam Silva e Rocha (2018), o engajamento da família no processo educacional é crucial para a continuidade das reflexões e práticas antirracistas fora do ambiente escolar. Os pais puderam acompanhar e assistir de perto as apresentações dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes, desde as apresentações musicais e artísticas até a contemplação das instalações de desenhos e fotografia, criando espaços de diálogo para que eles também pudessem refletir sobre questões de racismo e contribuir para a valorização da cultura africana dentro de suas próprias casas. Esse envolvimento da família fortaleceu a rede de apoio à escola, ampliando o impacto das ações no combate ao racismo.

Um fator de relevância para a mobilização dos diversos atores do ambiente escolar nas atividades que foram desenvolvidas foi o fato das atividades não se deterem apenas as salas de aulas, os trabalhos e produções dos alunos tomarem todos os espaços da escola. Além disso, a proposta dos intervalos interativos, onde os estudantes aproveitavam o horário do almoço, onde a equipe da escola estava toda reunida no refeitório, para realizar ações educativas contra o racismo, foi fundamental para que o projeto englobasse além dos alunos e professores, os colaboradores dos serviços gerais, as manipuladoras de alimentos, a equipe técnica administrativa, gerando uma verdadeira mobilização do espaço escolar.

Por fim, a construção de uma escola antirracista não é um esforço isolado de um único grupo, mas sim uma ação coletiva que envolve alunos, professores, gestores e pais. A efetividade das ações de combate ao racismo e de valorização da cultura africana depende de um compromisso de todos na comunidade escolar. Como afirmam Gomes e Silva (2021), a educação antirracista é um processo contínuo que exige a colaboração de todos os envolvidos na formação do aluno. Assim, a participação ativa de cada membro da comunidade escolar é fundamental para a criação de um ambiente mais justo e inclusivo, onde o respeito à diversidade e à igualdade racial sejam práticas vivenciadas no cotidiano.

A PSICOLOGIA ESCOLAR COMO MOBILIZADORA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Como já mencionado anteriormente, este trabalho relata a experiência de mobilização de uma psicóloga escolar no desenvolvimento de atividades anti racistas dentro do contexto escolar. Apesar das ações terem sido mobilizadas pela psicóloga da instituição, o desenvolvimento do projeto só foi possível pela articulação dos estudantes, professores e gestores. Isso porque, toda ação de psicologia dentro de uma instituição de ensino deve perpassar as necessidades e demandas identificadas

nesse contexto, construindo por tanto, atividades contextualizadas e que abarque as necessidades de um território, para que se torne significativa e mobilizadora de transformações.

Neste Cenário a psicologia escolar tem se consolidado como uma área estratégica dentro do ambiente educacional, especialmente quando se trata de promover uma educação antirracista. Atuando de forma interdisciplinar, a psicologia escolar pode contribuir para a construção de espaços mais justos, que reconheçam e valorizem as identidades raciais dos estudantes. Em um país como o Brasil, marcado por desigualdades históricas e estruturais, a escola deve ser um espaço de combate ao racismo, e o psicólogo escolar, um agente ativo nesse processo de transformação. “Quando a psicologia escolar não considera a dimensão racial como estruturante das relações sociais, ela corre o risco de reproduzir práticas que naturalizam o sofrimento psíquico de estudantes negros e ignoram os efeitos do racismo na sua constituição subjetiva” (GOMES; JESUS, 2021).

A prática do psicólogo deve ir além do atendimento individual. Ela compreende o ambiente educacional como um sistema onde o racismo pode estar presente em diversas camadas: nas relações interpessoais, nas práticas pedagógicas, na gestão escolar e até na forma como o conhecimento é produzido e compartilhado. Dessa forma, cabe ao psicólogo escolar diagnosticar e intervir nas dinâmicas que silenciam ou marginalizam alunos negros, promovendo estratégias coletivas que enfrentem o racismo institucional.

A legislação brasileira dá suporte a essa atuação. A Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, reforça o papel da escola como espaço de valorização da diversidade racial. No entanto, como apontam Gomes (2005) e Munanga (2004), não basta apenas incluir conteúdos no currículo: é necessário que haja um comprometimento institucional. O psicólogo escolar pode ser um articulador entre professores, gestores e famílias para garantir que a lei seja efetivada com intencionalidade pedagógica e sensibilidade social. É importante nesse contexto, que as ações se ampliem para além de ati-

vidades do currículo básico e atividades cognitivas, mas que articulem práticas e ações transversais, sendo desenvolvidas por todas áreas de conhecimento, de forma articulada, através de metodologias ativas e sustentadas no protagonismo estudantil.

Um dos principais eixos da atuação antirracista na psicologia escolar é o fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes negros. A vivência cotidiana de microagressões e exclusões pode impactar profundamente o desenvolvimento emocional e cognitivo dessas crianças e adolescentes. O psicólogo escolar, ao desenvolver projetos que valorizam a cultura afro-brasileira, abre caminhos para que esses alunos reconheçam positivamente e resistam aos estigmas sociais. Paulo Freire (1996) já alertava que a educação precisa ser libertadora e comprometida com os oprimidos, o que se aplica diretamente à luta antirracista no ambiente escolar. Durante as ações, foi perceptível o reconhecimento e o desenvolvimento de sensação de pertencimento dos estudantes negros, sentindo-se incluídos e representados através das práticas pedagógicas.

A formação de professores e gestores também é um campo essencial de atuação do psicólogo escolar. Promover espaços formativos que ajudem a equipe pedagógica a identificar atitudes racistas, ainda que inconscientes, é uma forma de prevenir a reprodução de práticas discriminatórias na sala de aula. Além disso, ao incentivar uma pedagogia da escuta, o psicólogo pode colaborar para que as vozes dos alunos negros sejam ouvidas e respeitadas, garantindo um ambiente escolar mais equitativo.

Outro ponto fundamental é o trabalho com as famílias. Muitas vezes, pais e responsáveis não têm acesso a discussões sobre racismo ou sentem-se inseguros para dialogar sobre o tema com seus filhos. O psicólogo escolar pode propor rodas de conversa, encontros e campanhas educativas que envolvam a comunidade, ampliando o debate para além dos muros da escola. A mobilização da família é essencial para o fortalecimento de uma cultura antirracista de forma contínua.

A escuta ativa e a mediação de conflitos são ferramentas importantes para a psicologia escolar. Em situações de discriminação racial, o psicólogo

deve atuar com firmeza e ética, apoiando os envolvidos e promovendo a reparação simbólica e pedagógica necessária. Isso implica também posicionar-se politicamente em defesa dos direitos humanos, conforme orienta o próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP), que reforça o compromisso da profissão com a justiça social e a luta contra todas as formas de opressão. A mediação dos conflitos raciais no espaço escolar, se não for conduzida de forma ética e acolhedora, pode acabar por reproduzir as marcas do racismo estrutural. Como pontua Cida Bento, “A psicologia, por sua vez, cooperou e coopera com a dominação no contexto das relações étnico-raciais e, por outro, atua no enfrentamento ao racismo” (BENTO, 2002).

Além disso, a psicologia escolar pode propor projetos de intervenção contínua, para além das semanas da consciência negra, é interessante que se invista em ações que perpassa o dia a dia escolar, como clubes de leitura com autores negros, ações artísticas, produção de murais temáticos trazendo para o espaço da escola a representatividade negra, trabalhar dentro dos conteúdos curriculares dados que retratem a realidade da população negra no nosso País. Tais iniciativas não apenas informam, mas transformam o cotidiano escolar, tornando visíveis outras formas de existência e resistência, e criando um ambiente onde alunos negros sintam-se representados e respeitados.

Por fim, é importante reforçar que o psicólogo escolar precisa, ele mesmo, passar por um processo constante de formação e autorreflexão. Enfrentar o racismo exige não apenas conhecimento técnico, mas sensibilidade ética, empatia e coragem para desafiar estruturas historicamente excludentes. Como bem pontua Djamila Ribeiro (2019), na nossa sociedade não basta apenas não sermos racistas, precisamos contribuir de forma ética política com práticas antirracistas. Assim, a psicologia escolar se torna não apenas uma ferramenta de apoio, mas uma verdadeira mobilizadora de uma educação antirracista, comprometida com o bem-estar, a equidade e a dignidade de todos os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma educação antirracista é um desafio que demanda o engajamento de toda a comunidade escolar, e a psicologia escolar ocupa um lugar estratégico nesse processo. Ao reconhecer que o racismo não é apenas uma questão individual, mas estrutural, o psicólogo escolar precisa assumir uma postura ativa na desconstrução de práticas discriminatórias que impactam diretamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos estudantes negros.

A atuação da psicologia escolar, portanto, deve estar comprometida com a transformação das estruturas escolares que reproduzem desigualdades raciais. Isso exige uma prática reflexiva, fundamentada em uma escuta sensível e crítica, que leve em conta as diferentes realidades culturais e históricas dos alunos e promova o fortalecimento da identidade e autoestima das crianças e adolescentes racializados.

Além disso, é necessário ampliar o diálogo entre psicólogos escolares, professores, gestores e famílias, promovendo uma formação continuada que aborde as relações étnico-raciais e incentive práticas pedagógicas inclusivas. O psicólogo escolar, como mobilizador de processos educativos, pode colaborar com a elaboração de projetos coletivos que valorizem a cultura afro-brasileira e enfrentem o racismo institucional de forma transversal, envolvendo todos os atores da escola.

Outro ponto relevante é o reconhecimento de que a psicologia, enquanto ciência e prática, precisa continuar revendo suas próprias bases epistemológicas, muitas vezes eurocentradas, para abrir espaço à escuta de saberes historicamente silenciados. A inserção da perspectiva decolonial, proposta por estudiosos como Nilma Lino Gomes e Cida Bento, oferece caminhos para a construção de uma atuação profissional mais justa e conectada à realidade brasileira.

Diante da complexidade e da urgência do tema, fica evidente a necessidade de aprofundamento contínuo sobre a atuação da psicologia escolar no combate ao racismo. As reflexões apresentadas neste traba-

lho apontam para a relevância de novos estudos que explorem práticas exitosas, desafios enfrentados pelos profissionais e estratégias inovadoras no campo da educação antirracista. Assim, a produção de novos artigos e pesquisas pode ampliar o debate, fortalecendo políticas educacionais e práticas institucionais comprometidas com a equidade racial.

Nesse contexto, é igualmente importante destacar o papel das políticas públicas na sustentação de ações efetivas de combate ao racismo nas escolas. A implementação de programas de formação antirracista, a revisão dos currículos escolares e o investimento em ações afirmativas são passos fundamentais para consolidar um ambiente educacional que promova a diversidade e a justiça social. Tais medidas não devem ser pontuais, mas contínuas e articuladas, garantindo que a luta antirracista se torne um eixo permanente nas políticas educacionais.

Por fim, a consolidação de uma psicologia escolar antirracista requer o comprometimento ético e político dos profissionais com uma prática transformadora. Esse compromisso passa pela escuta ativa das experiências dos estudantes negros, pela valorização de suas trajetórias e pela construção coletiva de um espaço educativo que celebre a pluralidade. Somente por meio de uma ação integrada, crítica e humanizada será possível avançar na direção de uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de contribuir para uma sociedade mais equitativa e democrática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

ALMEIDA, Arlene Ferreira de; LIMA, Tiago Jessé Souza de. Construção e avaliação da eficácia de uma intervenção antirracista pautada no ensino da cultura africana e afro-brasileira. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 56, p. 31-38, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2023i56p31-38>. Acesso em: 28 abr. 2025.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. In: SILVA, Nelson Inocêncio da (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 95-106.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de educação básica*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALDINO, Aline; GOMES, Claudia. *A educação antirracista na escola: desafios e possibilidades*. Campinas: Papyrus, 2021.

GATTI, Bernardete A. O relato de experiência como forma de pesquisa na educação: um caminho para a reflexão e a mudança. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 5-13, 2006. DOI: 10.1590/S1413-24782006000100001.

GHETTI, Lúcia. O hip hop como ferramenta de resistência na periferia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, n. 2, p. 135-150, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Marcia Cristina. A psicologia escolar e as relações étnico-raciais: desafios e possibilidades. In: OLIVEIRA, Maria Lúcia; SOUZA, Luciana (org.). *Psicologia escolar crítica: práticas e saberes em construção*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 75-90.

GOMES, Ricardo; SILVA, Fernanda. *Educação e cidadania: o papel da escola na formação antirracista dos jovens*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021.

HERINGER, Rosana. A importância do hip hop no empoderamento negro no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 56, n. 1, p. 89-105, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: abr. 2025.

LESSA, Sérgio. Hip hop e identidade: o poder das ruas e a construção das subjetividades. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, v. 43, p. 102-119, 2019.

LIMA, Carla; COSTA, João. *Práticas pedagógicas antirracistas: desafios e soluções no contexto escolar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

LOPES, Eliane Cavalleiro. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. In: GOMES, Nilma Lino; JESUS, R. (org.). *Movimentos sociais, diversidade e educação*. Brasília: MEC/Secad, 2007. p. 169-180.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Luana Tolentino. *Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*. São Paulo: Zahar, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136 p. ISBN 9788535932874.

SILVA, João Paulo; ROCHA, Andreia. *A importância da participação dos pais na educação antirracista*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

SILVA, Maria Aparecida; ALMEIDA, Marcos. *Gestão escolar e a promoção da diversidade étnico-racial*. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves et al. Racismo, preconceito e discriminação: reflexões sobre práticas pedagógicas. *Revista da ANPEd*, v. 17, n. 46, p. 113-128, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YAZBEK, Maria Cláudia B.; OLIVEIRA, Raquel R. A atuação da psicologia escolar frente às relações étnico-raciais: contribuições para uma educação antirracista. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, e220220, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020220220>.